

Uma vida cheia do Espírito

O texto a seguir é de autoria de **Charles G. Finney** (1792-1875) e será apresentado em nove capítulos

José Adelson de Noronha - 13.09.2004

joseadelson@aleluia.com.br

Modificado e adaptado por Rafael Ferreira Silva - 15.12.2006

rafaelfdasilva@gmail.com



Índice

CAPÍTULO 1 - PODER DO ALTO

CAPÍTULO 2 - O QUE VEM A SER?

CAPÍTULO 3 - O REVESTIMENTO DO ESPÍRITO

CAPÍTULO 4 - REVESTIMENTO DO PODER DO ALTO

CAPÍTULO 5 - SERÁ "DURO ESTE DISCURSO?"

CAPÍTULO 6 - ORAÇÃO VITORIOSA

CAPÍTULO 7 - COMO GANHAR ALMAS

CAPÍTULO 8 - COMO VENCER O PECADO

CAPÍTULO 9 - PREGADOR, SALVA A TI MESMO

Capítulo 1 - Poder do Alto

Peço vênua para, através desta coluna, corrigir a impressão errônea recebida por alguns dos participantes do recente Concílio em Oberlin, do breve comentário que lhes fiz na manhã do sábado e, depois, no domingo. Na primeira dessas ocasiões, chamei a atenção dos presentes para a missão da Igreja, de fazer discípulos de todas as nações, de acordo com o registro de Mateus e de Lucas. Afirmei que essa incumbência foi dada por Cristo a toda a Igreja, da qual cada membro está na obrigação de fazer da conversão do mundo o trabalho a que dedique a sua vida.

Levantei então duas questões:

- 1) de que necessitamos, para conseguir sucesso nessa obra imensa?
- 2) Como podemos obtê-lo?

Resposta --

1. Precisamos ser revestidos de poder do alto. Cristo anteriormente informara aos discípulos que, sem ele, nada podiam fazer. Quando os encarregou da conversão do mundo, acrescentou: *"Permanecej, porém, na cidade (Jerusalém), até que do alto sejais revestidos de poder. Sereis batizados com o Espírito Santo não muito depois destes dias. Eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai"* (At 1:4,5). Esse batismo do Espírito Santo, a promessa do Pai, esse revestimento do poder do alto, Cristo informou-nos expressamente ser a condição indispensável para a realização da obra de que ele nos incumbiu.

2. Como havemos de obtê-lo? Cristo prometeu-o expressamente, a toda a Igreja e a cada pessoa cujo dever é trabalhar para conversão do mundo. Ele admoestou os primeiros discípulos a que não pusessem mãos à obra enquanto não recebessem esse revestimento de poder do alto. Tanto a promessa como a admoestação têm igual aplicação a todos os cristãos de todos os tempos e povos. Ninguém, em tempo algum, tem o direito de esperar bom êxito, se não obtiver primeiro o poder do alto. O exemplo dos primeiros discípulos ensina-nos como obter esse revestimento. Primeiramente consagraram-se a esse trabalho, continuando em oração e súplicas até que, no dia de Pentecoste, o Espírito Santo

veio sobre eles e receberam o prometido revestimento do poder do alto. Eis, portanto, a maneira de obtê-lo.

O Concílio pediu-me que dissesse mais sobre o assunto, razão pela qual, no domingo, tomei por texto a declaração de Cristo, de que o Pai está mais pronto a dar o Espírito Santo àqueles que lho pedirem, do que nós a darmos boas dádivas a nossos filhos. Disse a eles:

1. Este texto informa-nos que é sumamente fácil obter-se o Espírito Santo, ou seja, esse revestimento de poder da parte do Pai.

2. Isso se torna assunto constante de oração: todos o pedem, em todas as ocasiões; entretanto, à vista de tanta intercessão, é relativamente pequeno o número daqueles que, efetivamente, são revestidos desse Espírito do poder do alto! A lacuna não é preenchida: a falta de poder é assunto de constante reclamação. Cristo diz: "*Todo o que pede recebe*" (Mt 7:8), porém não há negar que existe um "grande abismo" entre o pedir e o receber, o que representa pedra de tropeço para muitos. Como, então, se explica essa discrepância?

Tratei de mostrar por que muitas vezes não se recebe o revestimento. Eu disse a eles:

1) De modo geral, não estamos dispostos a ter aquilo que desejamos e pedimos; 2) Deus nos informa expressamente que, se contemplarmos a iniquidade no coração, ele não nos ouvirá. Muitas vezes, porém, quem pede é complacente consigo mesmo; isso é iniquidade, e Deus não o ouve; 3) é descaridoso; 4) é severo em seus julgamentos; 5) é autodependente; 6) repele a convicção de pecado; 7) recusa-se a fazer confissão a todas partes envolvidas; 8) recusa-se a fazer restituição às partes prejudicadas; 9) é cheio de preconceitos insinceros; 10) é ressentido; 11) tem espírito de vingança; 12) tem ambição mundana; 13) comprometeu-se em algum ponto e não quer dar o braço a torcer, ignora e rejeita maiores esclarecimentos; 14) defende indevidamente os interesses de sua denominação; 15) defende indevidamente os interesses da sua própria congregação; 16) resiste aos ensinamentos do Espírito Santo; 17) entristece o Espírito Santo com dissensão; 18) extingue o Espírito pela persistência em justificar o mal; 19) entristece-o pela falta de vigilância; 20) resiste-lhe dando largas ao mau gênio; 21) é incorreto nos negócios; 22) é impaciente para esperar no Senhor; 23) é egoísta de muitas formas; 24) é negligente na vida material, no estudo, na oração; 25) envolve-se demasiadamente com a vida material, e os estudos, faltando-lhe por isso tempo para oração; 26) não se consagra integralmente, e 27) o último e maior motivo, é a incredulidade: pede o revestimento, sem real esperança de

recebê-lo. *"Aquele que não dá crédito a Deus o faz mentiroso"* (1 Jo 5:10). Esse, então, é o maior pecado de todos. Que insulto, que blasfêmia, acusar a Deus de mentir!

Fui obrigado a concluir que, nesses e noutros pecados é que se encontra a razão de se receber tão pouco quando tanto se pede. Falei que não havia tempo para apresentar o outro lado da questão. Alguns dos irmãos perguntaram depois: "Qual é o outro lado?" O outro lado apresenta a certeza de que receberemos o prometido revestimento de poder do alto e seremos bem-sucedidos em ganhar almas, desde que peçamos e cumpramos as condições, claramente reveladas, da oração vitoriosa. Observe-se que o que eu disse no domingo versava sobre o mesmo assunto do dia anterior e era um aditamento a ele.

O mal-entendido a que fiz alusão foi o seguinte:

se primeiro nos desfizermos de todos esses pecados que nos impedem de receber o revestimento, não estaremos já de posse da bênção? De que mais precisamos?

Resposta: há grande diferença entre a paz e o poder do Espírito Santo na alma. Os Discípulos eram cristãos antes do dia de Pentecoste e, como tais, possuíam certa medida do Espírito Santo. Forçosamente, tinham a paz resultante do perdão dos pecados e do estado de justificação, porém ainda não tinham o revestimento de poder necessário para desempenharem a obra que lhes fora atribuída. Tinham a paz que Cristo lhes dera, mas não o poder que lhes prometera. Isso pode se dar com todos os cristãos, e, a meu ver, está exatamente aí o grande erro da Igreja e do ministério: descansam na conversão e não buscam até obter esse revestimento de poder do alto.

Resulta que tantos que professam a fé não têm poder nem com Deus nem com o homem. Não são vitoriosos, nem com um nem com o outro. Agarram-se a uma esperança em Cristo, chegando mesmo a ingressar no ministério, mas deixam de parte a admoestação a que esperem até que sejam revestidos do poder do alto. Mas, traga alguém todos os dízimos e todas as ofertas ao tesouro de Deus; deponha tudo sobre o altar, nisso prove a Deus, e verificará que Deus *"abrirá as janelas do céu e derramará uma bênção tal que dela lhe advenha a maior abundância"* (Ml 3:10).

Capítulo 2 - O que Vem a Ser?

Os apóstolos e irmãos, no dia de pentecoste, receberam-no. Mas o que receberam? Que poder exerceram depois daquele acontecimento?

Receberam poderoso batismo do Espírito Santo, vasto incremento da iluminação divina. Esse batismo proporcionou grande diversidade de dons que foram usados para a realização da obra. Abrangia evidentemente os seguintes aspectos: o poder de uma vida santa; o poder de uma vida de abnegação (essas manifestações não de ter tido grande influência sobre aqueles a quem proclamavam o evangelho); o poder da vida de quem leva a cruz; o poder de grande mansidão, que esse batismo os capacitou a evidenciar por toda parte; o poder do amor na proclamação do evangelho; o poder de ensinar; o poder de uma fé viva e cheia de amor; o dom de línguas; maior poder para operar milagres; o dom da inspiração, ou seja, a revelação de muitas verdades que antes não reconheciam; o poder da coragem moral para proclamar o evangelho e cumprir as recomendações de Cristo, custasse o que custasse.

Nas circunstâncias em que os discípulos se achavam, todos esses poderes eram indispensáveis para seu sucesso. Contudo, nem separadamente nem todos em conjunto constituíam aquele poder do alto que Cristo prometera, e que eles evidentemente receberam. O que manifestamente lhes sobreveio, como meio supremo e de suprema importância para o sucesso, foi o poder para vencer e convencer, junto de Deus e dos homens: o poder de fixar impressões salvadoras na mente dos homens.

Esse último é que foi sem dúvida o que eles entenderam que Cristo lhes prometera. Ele encarregara a Igreja da missão de converter o mundo à sua Pessoa. Tudo que acima citei foram apenas os meios que jamais poderiam colimar o fim em vista, a não ser que fossem vivificados e se tornassem eficientes pelo poder de Deus. Os apóstolos, sem dúvida, entendiam isso, e, depondo a si mesmos e a tudo que possuíam sobre o altar, puseram cerco ao trono da graça no espírito de inteira consagração à obra.

Receberam, de fato, os dons acima citados; mas, principalmente, esse poder de impressionar os homens para a salvação. Ele manifestou-se logo em seguida: começaram a dirigir-se à multidão e --maravilha das maravilhas! -- três mil converteram-se na mesma hora. Note-se, porém, que não foi manifestado por eles nenhum novo poder nessa ocasião, exceto o dom de línguas. Não operaram

dessa feita nenhum milagre, e mesmo as línguas, usaram-nas simplesmente como meio de se fazerem entender.

Note-se que ainda não tinham tido tempo para revelar dons do Espírito, além dos que mencionamos acima. Não tiveram naquela hora a oportunidade de mostrar uma vida santa, nem algumas das poderosas graças e dons do Espírito. O que foi dito na ocasião, conforme o registro bíblico, não podia ter causado a impressão que causou, se não fosse dito por eles com novo poder, a fim de produzir no povo uma impressão salvadora. Não se tratava do poder da inspiração, pois estavam apenas declarando certos fatos que eram de seu conhecimento. Não foi o poder da erudição e cultura humana, pois disso tinham muito pouco. Não foi o poder da eloquência humana, pois disso também não parece ter havido muito.

Foi Deus falando neles e por meio deles. Foi o poder vindo do alto, sim, Deus neles, causando uma impressão salvadora naqueles a quem se dirigiam. Esse poder de impressionar os homens para a salvação permanecia com eles e sobre eles. Foi essa, sem dúvida, a promessa principal feita por Cristo e recebida pelos apóstolos e cristãos primitivos. Em maior ou menor medida, permanece na Igreja desde então. Trata-se de um fenômeno misterioso que muitas vezes se manifesta de modo surpreendente. Às vezes uma simples frase, uma palavra, um gesto, ou mesmo um olhar, transmite esse poder de maneira vitoriosa.

Para honra exclusiva de Deus, contarei um pouco da minha própria experiência no assunto. Fui poderosamente convertido na manhã do dia 10 de outubro. À noitinha do mesmo dia, e na manhã do dia seguinte, recebi batismos irresistíveis do Espírito Santo, que me traspassaram, segundo me pareceu, corpo e alma. Imediatamente me achei revestido de tal poder do alto, que umas poucas palavras ditas aqui e ali a indivíduos provocavam a sua conversão imediata.

Parecia que minhas palavras se fixavam como flechas farpadas na alma dos homens. Cortavam como espada; partiam como martelo os corações. Multidões podem confirmar isso. Muitas vezes uma palavra proferida, sem que disso eu me lembrasse, trazia convicção, resultando, em muitos casos, na conversão quase imediata. Algumas vezes me achava vazio desse poder: saía a fazer visitas e verificava que não causava nenhuma impressão salvadora. Exortava e orava, com o mesmo resultado. Separava então um dia para jejum e oração, temendo que o poder me houvesse deixado e indagando ansiosamente pela razão desse estado de vazio. Após ter-me humilhado e clamado por auxílio, o

poder voltava sobre mim em todo o seu vigor. Tem sido essa a experiência da minha vida.

Poderia encher um volume com a história da minha própria experiência e observação com respeito a esse poder do alto. É um fato que se pode perceber e observar, mas é um grande mistério. Tenho dito que, às vezes, um olhar encerra em si o poder de Deus. Muitas vezes o tenho presenciado. O seguinte fato serve de ilustração.

Pregava pela primeira vez em uma vila manufatureira. Na manhã seguinte entrei em uma das fábricas para vê-la funcionar. Ao entrar no departamento de tecelagem, vi um grande número de moças e notei que algumas me olhavam, depois umas às outras, de um modo que indicava espírito frívolo e que me conheciam. Eu, porém, não conhecia nenhuma delas. Ao aproximar-me mais das que me tinham reconhecido, parecia que aumentavam suas manifestações de mente leviana. Sua leviandade impressionou-me; senti-a no íntimo. Parei e olhei-as, não sei de que maneira, pois minha mente estava absorta com o senso da sua culpa e do perigo que representavam.

Ao firmar o olhar nas jovens, observei que uma delas se tornou muito agitada. Um fio partiu-se; ela tentou emendá-lo, porém suas mãos tremiam de tal forma que não pôde fazê-lo. Vi imediatamente que aquela sensação se espalhava, tornando-se geral entre aquele grupo. Olhei-as firmemente, até que uma após outras, entregavam-se e não davam mais atenção aos teares. Caíram de joelhos, e a influência se espalhou por todo o departamento. Eu não tinha proferido uma palavra sequer e, mesmo que o tivesse, o ruído dos teares não teria deixado que a ouvíssemos. Dentro de poucos minutos o trabalho ficou abandonado. Lágrimas e lamentações por todos os lados. Nesse instante entrou o dono da fábrica, que era incrédulo, acompanhado, creio, pelo superintendente, que professava a fé. Quando o dono viu o estado de cousas, disse ao superintendente: "Mande parar a fábrica".

"É mais importante", acrescentou rapidamente, "a salvação dessas almas do que o funcionamento da fábrica". Assim que cessou o troar das máquinas, o dono perguntou: "Como faremos? Precisamos de um lugar de reunião, onde possamos receber instrução". O superintendente respondeu: "O salão de fição serve". Os fusos foram levantados para desocupar o lugar e toda a fábrica avisada para se reunir naquele salão. Tivemos uma reunião maravilhosa. Orei com eles e dei as instruções que na ocasião eram cabíveis. A palavra foi corn poder. Muitos

manifestaram esperança naquele mesmo dia, e dentro de poucos dias. segundo fui informado, quase todos os trabalhadores daquele grande estabelecimento, inclusive o dono, criam em Cristo.

Esse poder é uma grande maravilha! Muitas vezes já vi pessoas incapazes de suportar a palavra. As declarações mais simples e comuns cortavam os homens como espada, onde se achavam sentados, tirando-lhes a força física e tornando-os desamparados como mortos. Várias vezes já fiquei impossibilitado de levantar a voz, ou de falar em oração ou exortar a não ser de modo bem suave, sem dominar inteiramente os presentes. Não que eu pregasse de modo a aterrorizar o povo: os mais doces sons do evangelho os submergiam. Parece que às vezes esse poder permeia o ambiente das pessoas que o possuem. Muitas vezes em uma comunidade grande número de pessoas é revestido desse poder, e então toda a atmosfera do lugar parece ficar impregnada com a vida de Deus. Os estranhos que ali chegam de fora, de passagem pelo lugar, são, de repente, tomados de convicção de pecado e, em muitos casos, se convertem a Cristo.

Quando os cristãos se humilham e consagram novamente a Cristo tudo o que possuem, pedindo então esse poder, recebem muitas vezes esse batismo e se tornam instrumentos da conversão de mais almas em um dia do que em toda a sua vida até então. Enquanto os crentes permanecem humildes bastante para continuar de posse desse poder, a obra da conversão prossegue até que comunidades e mesmo regiões inteiras se convertem a Cristo. O mesmo acontece com pastores. Mas este artigo já está bastante longo. Se me permitirem, terei mais que dizer sobre o assunto.

Capítulo 3 - O Revestimento do Espírito

Depois da publicação pelo Independent do meu artigo "O Poder do Alto", fiquei detido por prolongada enfermidade. Nesse interim recebi inúmeras cartas indagando sobre o assunto. Focalizam de modo geral três questões em particular:

- 1) Pedem novas ilustrações da manifestação desse poder.
- 2) Indagam: "Quem tem o direito de esperar semelhante revestimento?"
- 3) De que modo ou em que condições pode ser alcançado?

Não me sendo possível responder pessoalmente às cartas, pretendo, com o vosso consentimento, e se a minha saúde continuar a melhorar, atendê-las

através de breves artigos nesta coluna. Desta feita relatarei outra manifestação do poder do alto, conforme eu mesmo presenciei. Pouco tempo depois de ter sido licenciado para pregar, fui a uma reunião do país onde eu era completamente estranho. Fui a pedido de uma sociedade missionária feminina, localizada no condado de Oneida, Estado de Nova Iorque. Foi, se não me engano, em princípios de maio que visitei a vila de Antuérpia, na parte norte do condado de Jefferson. Fiquei no hotel da vila, e ali soube que, na ocasião, não se realizavam reuniões religiosas no lugar.

Havia um salão de cultos, mas estava fechado. Mediante esforços pessoais, consegui reunir uma poucas pessoas na sala da residência de uma senhora crente e preguei-lhes a palavra na noite após a minha chegada. Ao andar pela vila, fiquei horrorizado com a linguagem blasfema que ouvia entre os homens por toda parte. Consegui licença para pregar no prédio da escola no domingo seguinte, porém antes que chegasse o domingo sentia-me desanimado, e quase aterrorizado, em virtude do estado em que se encontrava aquela comunidade. No sábado, o Senhor trouxe ao meu coração as seguintes palavras, dirigidas a Paulo pelo Senhor Jesus (At 18.9-10): "Não temas, mas fala e não te cales: porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade". Isso acalmou por completo os meus temores; mas o meu coração estava cheio de ansiedade pelo povo.

Na manhã de domingo levantei-me cedo e me refugiei num bosque fora da vila, a fim de derramar o coração diante de Deus suplicando-lhe uma bênção sobre os trabalhos do dia. Não pude exprimir em palavras a angústia da minha alma, mas lutei com gemidos e, creio, muitas lágrimas, durante uma ou duas horas, sem encontrar alívio. Voltei para o meu quarto no hotel, mas quase em seguida fui de novo para o bosque. Fiz isso por três vezes. Da última vez obtive completo alívio, já na hora da reunião.

Fui para a escola e encontrei-a completamente lotada. Tirei minha pequena Bíblia do bolso e li este texto: "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna". Expuz a bondade de Deus em contraste com a maneira pela qual ele é tratado por aqueles que amou e aos quais deu o seu Filho. Argüi os meus ouvintes pelas suas blasfêmias, e, reconhecendo entre eles vários cujas pragas eu ouvira pessoalmente, vom o coração cheio de ardor e com lágrimas nos olhos apontei-os, dizendo: "Ouvi esses homens rogarem de Deus pragas sobre seus companheiros." A Palavra teve efeito poderoso. Ninguém pareceu ofender-se, porém quase todos ficaram grandemente esternecidos. Terminado o culto, o

bondoso dono, o Sr. Copeland, levantou-se e disse que à tarde abriria a casa de oração. Assim fez, e a casa esteve repleta, e, como pela manhã, a Palavra operou com muito poder.

Assim começou poderoso avivamento na vila, o qual, pouco depois, espalhou-se em todas as direções. Creio que foi no segundo domingo depois desse, que, ao descer do púlpito à tarde, um senhor de idade me procurou e disse: "O senhor não poderia pregar em nossa localidade? Nunca tivemos ali reuniões religiosas". Informei-me da direção e da distância, e combinei de pregar lá na tarde seguinte, segunda-feira, às cinco horas, na escola.

No domingo eu pregara três vezes na vila e assistira duas reuniões de oração; na segunda-feira fui a pé cumprir esse compromisso. Fazia bastante calor, e antes de chegar, comecei a sentir-me fraco para andar e com grande desalento de espírito. Sentei-me debaixo de uma sombra, à beira do caminho, sentindo-me fraco para chegar ao destino e, mesmo que chegasse, desanimado para abrir a boca diante do povo.

Quando enfim cheguei, encontrei a casa repleta. Comecei em seguida o culto, anunciando um hino. Tentaram cantar, porém a terrível desarmonia causou-me verdadeira angústia. Inclinei-me para frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos sobre os ouvidos, e ainda sacudia a cabeça, procurando excluir a dissonância que, mesmo assim, a custo suportei. Quando pararam de cantar, lancei-me de joelhos, em estado de quase desespero.

Até esse momento não tinha nenhuma idéia de que texto usaria na pregação. Ao levantar-me da oração, o Senhor me deu este: "Levantai-vos, e saí deste lugar, porque o Senhor há de destruir a cidade". Falei ao povo, o mais aproximadamente que pude recordar, onde se encontrava o texto na Bíblia, e prossegui contando-lhes da destruição de Sodoma. Esbocei a história de Abraão e Ló; de seus tratos um com o outro; de como Abraão orou por Sodoma; de Ló, o único homem piedoso achado na cidade. Enquanto isso, notei que a fisionomia dos presentes demonstrava que estavam muito zangados comigo; assumiam mesmo aspecto ameaçador, e alguns dos homens perto de mim pareciam que iam me bater. Eu não entendia isso, pois estava apenas dando, e isso com grande liberdade de espírito, alguns esboços interessantes da história bíblica.

Assim que terminei o esboço histórico, voltei-me ao povo e disse-lhes que eu entendia que nunca tinham tido reuniões religiosas naquela vizinhança. Aplicando esse fato, golpeei-os com toda a força com a espada do Espírito. A partir desse momento a seriedade do ambiente foi aumentando rapidamente. Daí

a pouco pareceu cair sobre a congregação um choque instantâneo. Não posso descrever a sensação que tive, nem a que se manifestava na congregação, mas parecia que palavra, literalmente, cortava como espada. O poder do alto veio sobre eles numa torrente tal, que caíam dos bancos em todas as direções.

Dentro de um minuto em quase toda a congregação estavam, ou de joelhos, prostrados no chão, ou em alguma posição de humildade diante de Deus. Cada qual clamava ou gemia rogando a misericórdia divina para sua alma. Não davam mais atenção a mim ou à minha pregação. Procurei ganhar a sua atenção, mas não consegui. Observei o senhor de idade que me tinha convidado, sentado ainda, perto do meio do auditório. Olhava em redor, atônito, com os olhos quase saltando das órbitas. Apontando para ele, gritei com toda a força: "O senhor não pode orar?" Ele ajoelhou-se e berrou uma breve oração, o mais alto que pôde: mas ninguém lhe deu ateneção.

Depois de ter olhado em volta de mim alguns momentos, ajoelhei-me, coloquei a mão sobre a cabeça de um jovem que estava ajoelhado aos meus pés e comecei a orar pela sua alma. Obtive sua atenção e, falando-lhe ao ouvido, preguei-lhe Jesus. Dentro de poucos momentos ele se entregou a Jesus pela fé, e então irrompeu em oração a favor dos que estavam ao seu redor. Voltei-me então a outro, do mesmo modo, e com o mesmo resultado; depois outro, e outro, até que não sei quantos se tinham entregado a Cristo e oravam fervorosamente pelos demais.

Depois de ter continuado assim até o cair da tarde, fui obrigado a entregar a reunião ao senhor de idade que me convidara, para atender aum compromisso que tinha assumido em outro local. À tarde do dia seguinte fui chamado para voltar, pois não tinham conseguido dispersar a reunião. Tiveram que deixar a casa da escola para dar lugar às aulas, mas transferiram-se para uma residência próxima, onde encontrei uma porção de pessoas que ainda estavam demasiadamente ansiosas e oprimidas pela convicção de pecados. Por isso não podiam voltar para casa. Foram logo acalmadas pela Palavra de Deus, e creio que todas obtiveram a esperança em Cristo antes de ir para casa.

Nota: eu era totalmente estranho naquele lugar. Nunca o tinha visto nem dele ouvira falar, conforme relatei. Mas agora, na segunda visita, fiquei sabendo que o lugar era chamado de Sodoma, por causa da sua impiedade, e que o senhor de idade que me convidara era chamado de Ló pelo fato de ser a única pessoa do lugar que professava religião.

Dessa maneira o avivamento irrompeu nessa região. Faz muitos anos que não volto lá; mas em 1856, me parece, quando fazia um trabalho em Siracusa, Nova Iorque, fui apresentado a um ministro de Cristo do condado de São Lourenço, de nome Cross. Ele me disse: "Sr. Finney, o senhor não me conhece; mas lembra-se de ter pregado num lugar chamado Sodoma?" "Jamais me esquecerei", respondi. "Pois eu era jovem nessa ocasião", disse ele, "e me converti naquela reunião." Ele ainda vive; é pastor de uma das igrejas daquele condado, e é pai do superintendente do nosso departamento preparatório. Os que moram na região testificam dos resultados permanentes daquele abençoado avivamento. O que pude descrever em palavras dá apenas uma pálida idéia daquela extraordinária manifestação do poder do alto que acompanhou a pregação da Palavra.

Capítulo 4 - Revestimento do Poder do Alto

Neste artigo pretendo estudar as condições sob as quais podemos obter o revestimento de poder. Tomemos informações nas Escrituras. Não pretendo encher este jornal de citações da Bíblia, mas simplesmente registrar alguns fatos que serão logo reconhecidos por todos os leitores das Escrituras. Se os leitores do presente artigo quiserem conhecer, no último capítulo de Mateus e de Lucas, a incumbência que Cristo deu aos discípulos, e, ainda, os dois primeiros capítulos de Atos dos Apóstolos, estarão prontos para apreciar o que vou dizer neste artigo.

1) Os discípulos já estavam convertidos a Cristo, e tiveram confirmada a sua fé pela ressurreição de Jesus. Nesta altura, porém, devo esclarecer que a conversão a Cristo não deve ser confundida com a consagração à grande obra da conversão do mundo. Na conversão, a pessoa trata direta e pessoalmente com Cristo. Abre mão dos seus preconceitos, antagonismos, justiça própria, incredulidade e egoísmo. Aceita Cristo, confia nele e a ele ama acima de tudo. Tudo isso os discípulos tinham feito, uns mais claramente, outros, menos. Ainda não tinham recebido, porém, nenhuma incumbência precisa, nem tampouco qualquer revestimento especial de poder para desempenharem uma incumbência.

2) Depois, porém, que Cristo dissipou o desnorteamento que lhes resultara da crucificação de Jesus e confirmou sua fé por meio de repetidos encontros com eles, deu-lhes a grande incumbência de ganhar para ele todas as nações. Admoestou-os, porém, a que aguardassem em Jerusalém até que fossem revestidos de poder do alto, o que, disse ele, haviam de receber dentro de poucos dias. Observemos agora o que fizeram. Reuniram-se, homens e mulheres, para

orar. Aceitaram a incumbência, chegando, sem dúvida, à compreensão da natureza do encargo e da necessidade do revestimento espiritual que Cristo lhes prometera. Ao continuarem, dia após dia, em oração e conferência, chegaram, sem dúvida, a apreciar cada vez mais as dificuldades que os haviam de cercar, e a sentir cada vez mais a sua própria insuficiência para a tarefa.

Se examinarmos as circunstâncias e os seus resultados. chegaremos à conclusão de que eles, sem exceção, se consagraram e tudo quanto tinham para a conversão do mundo, como sendo esta a tarefa da vida. Abandonaram totalmente a idéia de viverem para si mesmos, e se dedicaram com todas as forças à obra que lhes fora confiada. Essa consagração de si mesmos à obra, essa auto-renúncia, esse morrer para tudo quanto o mundo lhes pudesse oferecer, forçosamente precedeu a busca inteligente do prometido revestimento de poder do alto. Continuaram então, de comum acordo, em oração pelo prometido batismo do Espírito, que abrangia tudo quanto era essencial ao bom êxito.

Nota. Eles tinham diante de si uma obra a realizar. Tinham uma promessa de poder para que a pudessem desempenhar. Foram admoestados a esperar até que a promessa se cumprisse. Como esperaram? Não na indiferença e inatividade; não em preparativos, por meio de estudos e outros recursos, visando dispensar o poder prometido; não entregando-se aos afazeres normais e fazendo de vez em quando uma oração pedindo que cumprisse a promessa; ao contrário, permaneceram em oração e persistiram no pedido até que veio a resposta. Compreendiam que seria um batismo do Espírito Santo. Sabiam que viria da parte de Cristo. Oraram com fé. Aguardaram na mais firme expectativa, até o revestimento. Deixemos, pois, que esses fatos nos instruem quanto às condições para se receber o revestimento de poder.

Nós, como cristãos, temos a mesma incumbência. Tanto quanto aqueles discípulos, necessitamos do revestimento de poder do alto. Evidentemente a mesma ordem nos é dada, de esperarmos em Deus até que o recebamos. Temos a mesma promessa que eles tinham: tomemos, pois, essencialmente e em espírito, o mesmo caminho que tomaram. Eles eram crentes e tinham certa medida do Espírito para guiá-los na oração e na consagração. Nós também o temos.

Todo crente possui uma certa medida do Espírito de Cristo, o suficiente do Santo Espírito para nos levar à verdadeira consagração e nos inspirar com a fé que é essencial para a vitória na oração. Deixemos, pois, de entristecê-lo ou resistir-lhe: aceitemos a incumbência, consagrando-nos integralmente, com tudo quanto possuímos, à salvação de almas, como o nosso grande e único trabalho na

vida. Coloquemo-nos sobre o altar, como tudo que temos e somos, ali permanecendo e persistindo na oração até que recebamos o revestimento.

Quero reafirmar que a conversão a Cristo não deve ser confundida com a aceitação dessa incumbência de salvar o mundo. Aquela é uma transação pessoal entre a alma e Cristo, tratando da própria salvação; esta é a aceitação do serviço em que Cristo se propõe a ocupar-nos. E Cristo não nos exige a confecção de tijolos sem nos fornecer a palha necessária. Àquele a quem ele dá a incumbência, dá também a admoestação e a promessa. Se de coração aceitarmos o serviço, crermos na promessa e atendermos à admoestação a que esperemos no Senhor até que a nossa força seja renovada, havemos de receber o revestimento.

É da mais absoluta importância que compreendamos que cada crente individualmente recebe de Cristo o encargo de conquistar o mundo. Todos nós temos sobre os ombros a grande responsabilidade de ganhar para Cristo o maior número possível de almas. É esse o grande privilégio e dever de todos os discípulos de Cristo. Há vários setores nesse trabalho, mas para todos eles podemos e devemos possuir poder, para que, quer preguemos ou oremos, escrevamos ou publiquemos, negociemos, viajemos, cuidemos de crianças ou administremos o governo do Estado, seja qual for a nossa ocupação, toda a nossa vida e influência sejam repletas desse poder. Cristo declara: "Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva"; quer dizer, que dele procederá uma influência cristã, tendo em si o fator do poder para levar a impressão da verdade de Cristo ao coração dos homens.

A grande carência da Igreja atualmente é, primeiro, a convicção profunda de que essa incumbência de ganhar o mundo é dada a cada um dos discípulos de Cristo como a tarefa a realizar na vida. É lamentável termos de dizer que a grande massa dos cristãos professos, segundo parece, nunca se impressionou com essa verdade. O trabalho de salvar almas deixam-no por conta dos ministros.

A segunda grande carência é a convicção profunda da necessidade desse revestimento de poder sobre cada um individualmente. Muitos que professam a fé imaginam que isso é apenas para aqueles que são chamados para a carreira ministerial. Deixam de compreender que todos são chamados a pregar o evangelho; que a vida inteira de cada cristão deve ser uma proclamação das boas-novas.

Falta, em terceiro lugar, uma fé sincera na promessa desse revestimento. Vasto número de crentes professos, e até mesmos pastores, parece duvidar que a

promessa seja realmente para toda a Igreja. Se não pertence a todos, eles não sabem a quem pertence. Evidentemente não podem reclamar a promessa pela fé.

Em quarto lugar, falta aquela perseverança em esperar em Deus, que as Escrituras recomendam. Desfalecem antes de obter a vitória, e, por conseguinte, deixam de receber o revestimento. Multidões, ao que parece, satisfazem-se com a esperança da vida eterna. Nunca deixam para trás a questão da própria salvação, entregue a Cristo como assunto liquidado. Não aceitam a grande incumbência de trabalhar para a salvação de outros, porque a sua fé é tão fraca que não abandonam confiantemente nas mãos de Cristo a questão da própria salvação. Até mesmo ministros do evangelho, segundo tenho observado, estão no mesmo caso e coxeando do mesmo modo, incapazes de se entregarem completamente ao trabalho de salvar outros, porque, até certo ponto, estão inseguros quanto à própria salvação.

É simplesmente espantoso a que ponto a Igreja tem praticamente perdido de vista a necessidade desse revestimento de poder. Quase todos afirmam que somos dependentes do Espírito Santo, porém essa dependência é muito pouco apreciada. Crentes e até mesmo pastores põem-se a trabalhar sem ele. Lastimo ser obrigado a dizer que as fileiras do ministério, ao que parece, estão-se enchendo de homens que o não possuem. Que o Senhor tenha misericórdia de nós! Será julgada descaridosa essa última afirmativa? Se for, ouçamos, por exemplo, o relatório da Sociedade de Missões Internas, sobre o assunto. Não se há de negar que alguma cousa está mal.

A média de cinco almas ganhas para Cristo por missionário daquela sociedade em um ano de trabalho, indica inegavelmente uma fraqueza alarmante no ministério. Será que todos, ou mesmo a maioria, desses ministros foram revestidos do poder que Cristo prometeu? Se não o foram, qual a razão? Se o foram, foi só isso que Cristo pretendeu pela sua promessa?

Em artigo anterior afirmei que o recebimento desse poder é um fato instantâneo. Não quero com isso dizer que, em todos os casos, a pessoa que o recebeu ficou ciente da hora exata em que o poder começou a operar poderosamente em seu ser. Pode ter começado como o orvalho e aumentado até tornar-se uma chuva.

Fiz referência ao relatório da Sociedade de Missões Internas, não que eu imagine que os irmãos que trabalham naquela sociedade sejam excepcionalmente fracos em fé e poder como obreiros de Deus. Pelo contrário, baseado no meu conhecimento pessoal de alguns deles, considero-os entre os mais consagrados e

abnegados obreiros da causa de Deus. Esse fato ilustra a assustadora fraqueza que existe em todos os ramos da Igreja, tanto o clero como os leigos. Então não somos fracos? -- criminosamente fracos?

Talvez alguém pense que, escrevendo desta maneira, ofenderei o ministério e a Igreja. Não posso crer que o registro de fato tão palpável seja considerado ofensa. A verdade é que alguma coisa está lamentavelmente deficiente na educação do ministério e da Igreja. O ministério está fraco, porque a Igreja está fraca. E a Igreja conserva-se fraca pela fraqueza do ministério. Tomara houvesse a convicção da necessidade desse revestimento de poder e da fé na promessa de Cristo!

Capítulo 5 - Será "Duro Este Discurso?"

Em artigo anterior afirmei que a falta do revestimento de poder do alto devia ser considerada prova de inaptidão para o pastor, o diácono ou o presbítero; o superintendente de Escola Dominical, o professor de colégio cristão, e principalmente para o professor de seminário teológico. Será "duro esse discurso"? Será uma palavra descaridosa? Será injusta? Será imoderada? Estará em desacordo com as Escrituras? Suponhamos que, no dia de Pentecoste, um dos apóstolos ou dos demais discípulos presentes tivesse deixado, por apatia, egoísmo, incredulidade, indolência ou ignorância, de obter esse revestimento de poder. Seria então descaridoso, injusto, imoderado ou antibíblico, que ele fosse tido por inapto para a obra da qual Cristo os encarregara?

Cristo lhes dissera expressamente que, sem esse revestimento, nada podiam fazer. Tinha-lhes recomendado taxativamente que não o tentassem com as próprias forças, mas que esperassem em Jerusalém até receber o necessário poder do alto. Prometera, com igual clareza, que, se permanecessem conforme a sua recomendação, haviam de recebê-lo "dentro de poucos dias". Evidentemente entenderam a recomendação no sentido de esperarem continuamente no Senhor em oração e súplica pela bênção. Ora, suponhamos que algum deles se ausentasse, para cuidar de seus negócios, contando com a soberania de Deus para outorgar-lhe esse poder. Fatalmente teria ficado inapto para o trabalho: e se assim fosse considerado pelos irmãos e companheiros que obtiveram o poder, teria isso sido descaridoso, injusto ou em desacordo com as Escrituras?

E não é verdade, para todos que recebem a ordem de fazer discípulos, e a promessa do poder, que, se por alguma falta ou falha, deixarem de receber o dom,

estão de fato desclassificados para a obra, e principalmente para qualquer cargo oficial? Não estão, de fato, desabonados para ministrar as ordenanças da Igreja? Ou estão credenciados para ensinar aqueles que deverão fazer o trabalho? Se é verdade que lhes falta poder, seja qual for a explicação da deficiência, é igualmente verdade que não estão aptos para ensinar o povo de Deus: e se é reconhecido que são inaptos porque lhes falta poder, há de ser razoável, certo e bíblico assim considerá-los, falar deles e assim tratá-los. Quem tem direito de se queixar? Por certo que eles não têm. Deve a Igreja de Deus tolerar ensinadores e líderes a quem falta esse requisito fundamental, quando essa falta é forçosamente culpa deles?

É verdadeiramente de estarrecer a manifesta apatia, indolência, ignorância e incredulidade que existem nesse assunto. São indesculpáveis e altamente criminosas. Com a ordem de alcançar o mundo ressoando em nossos ouvidos; com a recomendação de esperar em oração constante e fervorosa até receber o poder: com a promessa, feita pelo Salvador, e a nós estendida, oferecendo toda a ajuda de que precisamos, que desculpa podemos dar por estarmos incapacitados para essa grande obra? Que tremenda responsabilidade pesa sobre nós, sobre toda a Igreja, sobre cada crente! Poderíamos perguntar: como é possível, em tais circunstâncias, a apatia, a indolência e a comum e fatal negligência? Se algum dos primitivos cristãos a quem foi dada essa ordem deixasse de receber o poder, não o teríamos por grandemente culpado? Pois se neles a falha seria pecado, quanto mais em nós, com toda a luz da história e dos fatos nos cercando, luz que eles não possuíam. Alguns pastores e muitos crentes tratam este assunto como se devesse ficar ao cuidado da soberania de Deus, sem nenhum esforço persistente para se obter o revestimento. Era assim que os primeiros cristãos entendiam e tratavam do assunto? Em absoluto. Não descansaram enquanto o batismo de poder não veio sobre eles.

Certa vez ouvi um pastor pregando sobre o batismo do Espírito Santo. Ele tratou-o como realidade, e, quando chegou à questão de como obtê-lo, disse com acerto que era da mesma forma que os apóstolos o receberam no Pentecoste. Fiquei satisfeito e todo ouvidos para escutá-lo esclarecer aos ouvintes a obrigação de não descansarem enquanto o não obtivessem. Nisso, porém, fiquei deceptionado, pois, antes de encerrar o sermão, ele procurou tirar do auditório o senso de obrigação de obter o batismo, deixando a impressão de que o caso ficava ao critério de Deus, e ainda dando a entender que não estavam certos aqueles que insistiam veemente e persistentemente com Deus no cumprimento da promessa. Também não lhes ofereceu a certeza de obterem a bênção, se cumprissem as condições. De modo geral o sermão foi bom: mas achei que a

congregação saiu sem nenhum estímulo ou senso de obrigação para buscar ardentemente o batismo. Aliás, é comum essa falha nos sermões que ouço: são muito instrutivos, mas não deixam na congregação o senso de obrigação ou o sentimento de grande estímulo quanto ao uso dos meios. São deficientes na conclusão: não deixam a consciência sob pressão, nem a mente sob o estímulo da esperança. A doutrina muitas vezes é boa, porém falta o "e daí?" Parece que muitos pastores e crentes professos ficam tecendo teorias, criticando e procurando justificar sua própria negligência. Assim não fizeram os apóstolos e demais cristãos. Não era uma questão que procuravam alcançar pelo intelecto antes de abraçá-la com o coração. Era para eles, como devia ser para nós, uma questão de fé em uma promessa. Encontro muitas pessoas procurando aprender pelo intelecto e resolver teoricamente questões de pura experiência. Apoquentam-se com esforços para compreender intelectualmente aquilo que deve ser recebido como experiência consciente pela fé.

Há necessidade de uma grande reforma na Igreja quanto a este ponto em particular. As igrejas devem acordar para os fatos, assumir uma nova posição, uma atitude firme no tocante às qualidades dos pastores e oficiais. Devem recusar-se a aceitar como pastor um homem cujas qualidades para o cargo não estão inteiramente satisfeitas. Tenha o que mais tiver a recomendá-lo, mas se os seus antecedentes não comprovam que ele possui esse revestimento de poder para ganhar almas para Cristo, devem considerá-lo inapto para o cargo. Era costume das igrejas, e creio que em alguns lugares ainda o é, certificarem-se dos frutos espirituais dos trabalhos do pastor, antes de o considerarem capacitado e chamado por Deus à obra do ministério. De alguma maneira a igreja deve verificar se o pastor que chama apresenta um ministério frutífero e não uma haste seca, ou seja, um mero intelecto, uma cabeça quase sem coração; escritor elegante, mas sem unção; grande arrazoador, mas de pouca fé; de grande imaginação, talvez, porém sem o poder do Espírito de Deus.

As igrejas precisariam ser exigentes com seminários teológicos neste assunto; enquanto não o forem receio que os seminários jamais acordem para a sua responsabilidade. Há alguns anos, um dos ramos da igreja escocesa ficou tão incomodado com a falta de unção e poder dos ministros que lhe eram fornecidos pelo seminário teológico, que tomou a resolução de não ocupar mais pastores formados ali, enquanto o seminário não se reformasse nessa parte. Foi uma repressão necessária, justa e oportuna, e creio que teve efeito salutar.

Um seminário teológico devia indiscutivelmente ser uma escola não apenas para ensinar doutrina, mas também e, principalmente, para desenvolvimento da

experiência cristã. Não há dúvida de que, nessas escolas, o intelecto deve ser bem provido; porém, é de muito maior importância que os alunos sejam conduzidos ao conhecimento íntimo e pessoal de Cristo, do poder da sua ressurreição, da comunicação de suas aflições. sendo feitos conforme a sua morte. Um seminário teológico que vise principalmente a cultura intelectual e forme eruditos a quem falta esse revestimento de poder do alto, é um laço e uma pedra de tropeço para a igreja. Os seminários não devem recomendar ninguém às igrejas, por maior que seja o grau da sua cultura intelectual, se não tiver obtido o grau mais elevado: o revestimento de poder do alto. Deve ser considerado incompetente para preparar homens para o ministério, o seminário que expedir como pastores homens que não possuam essa qualidade mais indispensável. As igrejas devem tratar de tomar informações e então considerar aqueles seminários que fornecem não apenas os mais instruídos, mas os pastores mais ungidos e cheios de poder.

É incrível que, embora geralmente se admita que o revestimento de poder do alto é real e indispensável para o sucesso no ministério, na prática o assunto seja considerado pelas igrejas e escolas como sendo relativamente de pouca importância. Teoricamente se reconhece que é tudo; na prática é tratado como se não fosse nada. Desde os apóstolos até o tempo presente vem-se verificando que homens de mínima cultura humana, mas revestidos desse poder, têm tido o maior sucesso em ganhar almas para Cristo: enquanto que outros da mais apurada cultura, de posse de tudo quanto as escolas lhes forneceram, têm revelado a mais absoluta falta de poder no que concerne à obra específica do ministério. Assim mesmo continuamos dando dez vezes mais ênfase à cultura humana do que ao batismo do Espírito Santo.

Na prática humana ela é tratada como sendo de importância incomparavelmente maior do que o revestimento de poder do alto. Os seminários possuem homens eruditos, porém muitas vezes lhes faltam homens de poder espiritual; por isso mesmo não insistem nesse revestimento de poder como sendo indispensável para a obra do ministério. Os estudantes são bombardeados quase além das suas possibilidades com o estudo e a cultura do intelecto, enquanto talvez nem uma hora por dia é dedicada à formação da experiência cristã. De fato, não tenho conhecimento de que ao menos um curso de preleções sobre a experiência cristã seja ministrado nos seminários teológicos.

Entretanto, religião é experiência. É uma percepção interna. O convívio íntimo com Deus é todo o seu segredo. Há um mundo de conhecimento indispensável, nesse setor, o qual é inteiramente negligenciado pelos seminários

teológicos. Neles, a doutrina, a filosofia, a teologia, a história eclesiástica, a homilética, é tudo: a verdadeira união íntima com Deus não é nada. O poder espiritual para vencer junto de Deus e com os homens tem pouco lugar no seu ensino.

Às vezes tenho ficado surpreendido com o juízo que os homens fazem quanto à futura utilidade de jovens que se preparam para o ministério. Noto que mesmo os professores tendem muito a se enganar nessa matéria. Se um moço se revela bom estudante, escreve bem, progride na exegese, está adiantado na cultura intelectual, neste eles têm grandes esperanças, muito embora saibam, em muitos casos, que o jovem não sabe orar, e não tem unção, não tem poder na oração, não tem espírito de lutar. agonizar na intercessão e vencer com Deus. Contudo esperam que ele, por causa da sua cultura, faça sucesso no ministério e seja muito útil.

De minha parte não deposito tal esperança nessa classe de homens. Tenho incomparavelmente maior esperança na utilidade do homem que, a qualquer custo, mantém sua comunhão diária com Deus, que almeja e luta por maiores alturas espirituais possíveis: que faz questão de não viver sem a vitória diária na oração ou sem o revestimento do poder do alto. As igrejas, os presbiteros, as associações e quem quer que autorize jovens para o ministério, são freqüentemente muito faltosos nesse sentido. Gastam horas informando-se da cultura intelectual dos candidatos, porém mal se ocupam alguns minutos em verificar a cultura do seu coração, o que sabem do poder de Cristo para salvar do pecado, o que conhecem do poder da oração e até que ponto estão revestidos de poder do alto para ganhar almas para Cristo. Nessas ocasiões, todo o processo não pode deixar senão a impressão de que a cultura humana tem preferência sobre a unção espiritual.

Oxalá a situação fosse outra, e estivéssemos todos concordes, na prática, agora e para sempre, em nos apegar à promessa de Cristo e jamais julgar a nós mesmos ou a qualquer outro, aptos para a grande obra da Igreja enquanto não tivermos recebido plenamente o revestimento de poder do alto. Rogo aos meus irmãos, e principalmente aos mais jovens, que não julguem que estes artigos foram escritos no espírito de censura. Rogo às igrejas, rogo aos seminários, que recebam a palavra de exortação de um ancião experimentado nessas cousas e cujo coração lastima e está carregado sob o peso das deficiências da Igreja, dos ministros e dos seminários neste assunto. Irmãos, rogo-vos que considereis mais seriamente o caso, que acordeis e o levels a sério, não descansando enquanto

esse assunto não for colocado no seu devido lugar e não tomar, à vista de toda a Igreja, aquela posição destacada e prática que Cristo lhe destinou.

Capítulo 6 - Oração Vitoriosa

Oração vitoriosa é aquela que consegue resultados. Fazer orações é uma coisa, vencer pela oração é outra. A vitória pela oração depende não tanto da quantidade, como da qualidade. A melhor introdução que tenho para este assunto é um fato da minha experiência anterior à minha conversão. Relato-o porque temo que tais experiências sejam muito comuns entre incrédulos.

Ao que me lembro, eu nunca assistira a uma reunião de oração antes de começar o curso de direito. Então, pela primeira vez, passei a morar nas proximidades de um local onde havia reunião de oração todas as semanas. Eu não tinha muita oportunidade para conhecer, ver ou ouvir religião; por isso não tinha opinião formada a respeito. Em parte por curiosidade e em parte por certo desassossego de espírito, difícil de definir, comecei a freqüentar a tal reunião de oração. Nesse mesmo tempo comprei minha primeira Bíblia e comecei a lê-la. Escutava as orações que eram feitas naquelas reuniões, com a máxima atenção que eu poderia prestar a orações tão frias e formais. Cada um pedia o dom e o derramamento do Espírito Santo. Tanto nas orações como nos comentários que de vez em quando faziam, confessavam que não conseguiam ser atendidos por Deus. Isso aliás, era patente, e por pouco que não fez de mim um cético.

Vendo-me com tanta freqüência na reunião, o dirigente, certo dia, perguntou-me se eu não desejava que orassem por mim. Respondi que não, acrescentando: "Com certeza eu preciso de oração, mas as suas orações não são atendidas. Os senhores mesmos o confessam." Manifestei então o meu espanto com esse estado de cousas, em vista do que a Bíblia diz das vitórias da oração. De fato, durante algum tempo fiquei grandemente perplexo e em dúvida diante dos ensinamentos de Cristo sobre a oração, em confronto com aquilo que eu presenciava, semana após semana, na reunião de oração. Seria Cristo realmente um ensinador divino? Teria ele de fato ensinado o que os Evangelhos lhe atribuíam? Devia ser tomado ao pé da letra? Seria verdade que a oração tinha valor para conseguir bênçãos da parte de Deus? Se era verdade, como explicar isto que eu presenciava semana após semana e mês após mês nessa reunião de oração? Esses homens seriam crentes de fato? O que eu ali ouvia, seria realmente oração, no sentido bíblico? Seria a oração que Cristo tinha prometido atender? Aí encontrei a solução.

Convenci-me de que eles estavam iludidos; que não obtinham vitórias porque não tinham nenhum direito a isso, pois não atendiam às condições que Deus determinou para que ele ouvisse a oração. Ao contrário, as orações deles eram justamente as do tipo que Deus prometera não atender. Evidentemente não percebiam que estavam correndo perigo de ir orando daquele modo até caírem no ceticismo quanto ao valor da oração.

Lendo a Bíblia, observei as seguintes condições estabelecidas:

1. Fé que Deus atende à oração. Isso, evidentemente, importa na esperança de recebermos aquilo que pedimos.

2. Pedir de acordo com a vontade de Deus. Isso claramente implica em pedir-lhe só as coisas que Deus está pronto a conceder, mas também pedir-lhe num espírito que ele possa aceitar. Temo que seja comum crentes deixarem de levar em conta o estado de espírito que Deus exige deles como condição para atender às suas orações.

Por exemplo, no Pai Nosso, o pedido: *"Venha o Teu reino"* requer, evidentemente, sinceridade para que tenha valor para Deus. Mas a sinceridade na apresentação desse pedido implica na consagração integral do coração e da vida de quem pede, para a consolidação desse reino. Implica em dedicar, a esse fim, tudo quanto temos e tudo quanto somos. Proferir essa petição em qualquer outro estado de espírito é hipocrisia e abominação diante de Deus.

Assim na petição seguinte: *"Seja feita a tua vontade na terra como no céu"*, Deus não promete atender o pedido a não ser que seja feita sinceramente. Mas sinceramente importa num estado de espírito que aceite toda a vontade de Deus, até onde a entendemos, da mesma forma que é aceita no céu. Importa na obediência total, inspirada no amor e na confiança, a toda a vontade de Deus, quer seja essa vontade revelada na sua Palavra, pelo seu Espírito ou na sua providência. Significa que nos mantemos, a nós mesmos e a tudo que somos e possuímos, à disposição de Deus de forma tão absoluta e voluntária, quanto o fazem os habitantes do céu. Se ficamos aquém disso, retendo para nós o que quer que seja, estamos *"contemplando a iniquidade no coração"*, e Deus não nos ouvirá.

A sinceridade nessa petição significa um estado de absoluta e total consagração a Deus. Qualquer atitude que fique aquém dessa, importa em reter de Deus aquilo que lhe é devido. É *"desviar os ouvidos de ouvir a lei"*. Mas que dizem as Escrituras? *"O que desvia os seus ouvidos de ouvir a lei, até a sua oração será abominável."* Será que entendem isso os que professam a fé?

O que é verdade com referência a essas duas petições, também o é no que se refere a toda oração. Será que os crentes levam isso na devida consideração? Lembrem-se de que tudo que se apresenta como oração é abominável se não for feito no estado de consagração inteira de quanto somos e temos a Deus? Se na oração e com ela, não nos oferecemos, com tudo quanto temos: se o nosso estado de espírito não é de quem aceita de coração toda a vontade de Deus, executando-a perfeitamente até onde a conhecemos, então nossa oração é abominável. Que profanação terrível é o uso que freqüentemente se faz do Pai Nosso, tanto em público como em particular. Repetir como um papagaio "Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, na terra como no céu", enquanto a vida está longe de se conformar com a vontade de Deus, é simplesmente revoltante. Ouvir os homens orarem: "Venha teu reino", enquanto está mais do que evidente que estão fazendo pouco ou nenhum sacrifício ou esforço para promoverem esse reino, é uma refinada hipocrisia. Aí não há nada de oração vitoriosa.

3. A ausência do interesse egoísta é uma condição da oração vitoriosa: "Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres" (Tg 4.3).

4. Outra condição da oração vitoriosa é a consciência pura diante de Deus e dos homens. I João 3.20-22: "Se o nosso coração (nossa consciência) nos acusar, certamente Deus é maior do que o nosso coração, e conhece todas as coisas. Amados, se o coração não nos acusar, temos confiança diante de Deus, e aquilo que pedimos, dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável." Aqui se tornam claras duas condições: primeira, que para sermos aceitos por Deus temos de conservar pura a consciência: e, segunda, que devemos guardar seus mandamentos e fazer diante dele o que lhe é agradável.

5. Coração puro é condição da oração vitoriosa. Sl 66.18: "Se eu atender à iniquidade no meu coração, o Senhor não me ouvirá".

6. Toda a confissão e restituição devidas a Deus e aos homens é outra condição da oração vitoriosa. Pv 28.13: "O que encobre as suas transgressões, jamais prosperará: mas o que as confessa e deixa, alcançará misericórdia".

7. Outra condição: mãos limpas. Sl 26.6: "Lavo as mãos na inocência, e, assim, andarei, Senhor, ao redor do teu altar". I Tm 2.8: "Quero que os homens orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem contenda".

8. A solução das contendas e animosidades entre irmãos é uma condição. Mt 5.23,24: "Se, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão

tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta".

9. A humildade é outra condição da oração vitoriosa. Tg 4.6: "Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes".

10. A remoção dos tropeços é ainda outra condição. Ez 14.3: "Filho do homem, estes homens levantaram os seus ídolos nos seus corações, e o tropeço da sua iniquidade puseram diante da sua face; devo eu de alguma maneira ser interrogado por eles?"

11. O espírito de perdoar também é condição. Mt 6.12: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como temos perdoado aos nossos devedores"; Mt 6.15: "Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, tão pouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas".

12. Exercitar o espírito da verdade é outra condição. SI 51.6: "Eis que te comprazes na verdade no íntimo". Se o nosso coração não estiver no espírito de acato à verdade; se não for imediatamente sincero e isento de egoísmo, estaremos "atendendo à iniquidade no coração" e, portanto, o Senhor não nos ouvirá.

13. Orar em nome de Cristo é condição da oração vitoriosa.

14. A inspiração do Espírito Santo é outra condição. Toda oração verdadeiramente vitoriosa é inspirada pelo Espírito Santo. Rm 8.26,27: "Porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos". Esse é o verdadeiro espírito da oração: ser guiado pelo Espírito. É a única oração realmente vitoriosa. Será que realmente entendem isso os que se dizem crentes? Será que acreditam que, se não viverem e andarem no Espírito, se não aprenderem a orar pela intercessão do Espírito que está neles, não poderão ser vitoriosos com Deus?

15. O fervor é condição. Uma oração, para ser vitoriosa, tem de ser fervorosa. Tg 5.16: "Confessai os vossos pecados uns aos outros, e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a oração fervorosa de um justo."

16. A perseverança ou persistência na oração muitas vezes é uma condição de vitória. Vejam-se os casos de Jacó, de Daniel, de Elias, da siro fenícia, do juiz iníquo, e o ensino da Bíblia de modo geral.

17. Muitas vezes a angústia de espírito é condição da oração vitoriosa. "Desde as primeiras dores Sião deu à luz seus filhos". "Meus filhos", diz Paulo, "por quem de novo sofro as dores de parto, até ser Cristo formado em vós". Isso dá a entender que, antes que se convertessem, Paulo já tinha sofrido angústia de espírito. De fato, a angústia da alma na oração é a única verdadeira oração vivificadora. Se alguém não a conhecer, não compreende o espírito da oração. Não se acha em estado de avivamento. Não entende a passagem já citada -- Rm 8.26,27. Enquanto ele não compreender essa oração angustiosa, não conhecerá o verdadeiro segredo do poder vivificador.

18. Outra condição da oração vitoriosa é o justo emprego dos meios para chegar ao objetivo, se os meios estiverem ao nosso alcance e se os reconhecermos necessários. Orar pelo reavivamento religioso e deixar de empregar qualquer outro meio, é tentar a Deus. Esse, conforme pude ver claramente, era o caso daqueles que faziam orações na reunião a que já me referi. Continuaram fazendo oração pelo avivamento, porém fora da reunião eram silenciosos como a morte no tocante ao assunto e nem abriam a boca para as pessoas ao redor. Continuaram nessa incoerência até o dia em que um descrente de destaque na comunidade lançou-lhes na minha presença uma tremenda repreensão. Ele expressou aquilo que eu sentia profundamente. Levantou-se e, com a maior solenidade e com lágrimas, disse: "Povo crente, que é que vocês querem dizer? Oram sempre, nestas reuniões, pedindo um reavivamento. Muitas vezes exortam uns aos outros a que despertem e usem meios para promover um avivamento. Afirmam uns aos outros, e também a nós que somos descrentes, que estamos caminhando para o inferno; e acredito que seja verdade. Insistem também em dizer que, se vocês mesmos despertassem, usando os meios apropriados, haveria um avivamento, e nos converteríamos. Falam-nos do nosso grande amigo, e de que nossas almas valem mais do que todos os mundos; entretanto, prosseguem nas suas ocupações relativamente triviais e não lançam mão desses meios. Não temos avivamento e nossas almas não são salvas." Nessa altura não teve mais palavras: sentou-se, soluçando.

Nunca me esquecerei como a reprimenda calou profundamente naquela reunião de oração. Fez-lhes bem, pois não demorou que as pessoas ali presentes se prostrassem, e tivemos um reavivamento. Estive presente na primeira reunião em que se manifestou o espírito de avivamento. E que transformação se verificou no tom das suas orações, confissões e súplicas! Voltando para casa com um amigo, comentei: "Que mudança nesses crentes! Isso deve ser o início de um reavivamento." Realmente, há uma transformação em todas as reuniões sempre que os crentes são reavivados. Suas confissões adquirem significado: significam

reforma e restituição; significam trabalho, o uso dos meios, mãos, bolsos, e coração abertos, e a consagração de todos os seus recursos à promoção da obra.

19. A oração vitoriosa é específica. Visa um objetivo definido. Não podemos obter vitória para tudo de uma só vez. Nos casos registrados na Bíblia, em que a oração foi atendida, é notável que o suplicante pedia uma bênção definida.

20. Outra condição da oração vitoriosa é que nossa intenção seja idêntica àquilo que dizemos na oração: que não haja nenhuma simulação; em resumo, que sejamos sinceros como crianças, falando do coração, nem mais nem menos do que aquilo que queremos dizer, que sentimos e cremos.

21. Outra condição da oração vitoriosa é um estado de espírito que presume a fidelidade de Deus a todas as suas promessas.

22. Mais uma condição é que, além de "orar no Espírito Santo", "sejamos sóbrios e vigiemos em oração". Com isso me refiro à vigilância contra tudo quanto possa apagar ou entristecer o Espírito de Deus em nosso coração. Também me refiro à vigilância pela resposta, em estado de espírito que usará diligentemente todos os meios necessários, a qualquer custo, com instância sobre instância.

Quando estiver bem lavrado o terreno pousio no coração dos crentes e quando tiverem confessado e feito restituição -- desde que o trabalho seja completo e honesto -- cumprirão natural e inevitavelmente as condições, e obterão a vitória na oração. O que precisa ser muito bem compreendido, é que os demais não a obterão. Aquilo que comumente ouvimos em reuniões de oração e de conferência não é oração vitoriosa. É muitas vezes de estarrecer e de se lastimar, ver as ilusões que existem sobre o assunto. Quern já assistiu a reavivamentos legítimos e não se impressionou com a transformação de todo o espírito e caráter das orações dos crentes realmente avivados? Creio que nunca me poderia ter convertido, se não tivesse descoberto a solução do problema: "Por que tantas orações não obtêm resposta?"

Capítulo 7 - Como Ganhar Almas

"Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes".

No presente artigo desejo, com a devida vênua, deixar com meus irmãos mais jovens no ministério alguns pensamentos sobre a filosofia de se pregar o evangelho de modo a conseguir a salvação de almas. Esses pensamentos são o

resultado de muito estudo, muita oração pela orientação divina e da experiência prática de muitos anos.

A admoestação contida no texto bíblico que encima o presente artigo, interpreto-a como fazendo referência ao assunto, à ordem e à maneira de se pregar.

O problema é este: como havemos de ganhar integralmente as almas para Cristo? Sem dúvida teremos de conseguir que se desprendam de si mesmos.

1. Os homens são livres agentes morais: racionais e responsáveis.
2. Estão em rebelião contra Deus, totalmente indispostos, inteiramente tomados de preconceitos, e comprometidos contra Deus.
3. Estão entregues à auto-satisfação como objetivo de sua vida.
4. Esse estado é (o que se chama em linguagem teológica) a depravação moral, ou seja, a fonte do pecado dentro de si mesmos, da qual fluem, por uma lei natural, todas as suas práticas pecaminosas. Esse estado voluntário de entrega é o "coração ímpio". É esse que precisa de uma transformação moral radical.
5. Deus é infinitamente benfazejo, e os pecadores incrédulos são egoístas e radicalmente opostos a Deus. Seu compromisso consigo mesmos, de satisfazerem os seus próprios apetites e pendoros, chama-se em linguagem bíblica "a inclinação da carne" ou "pendor da carne", que "é inimizada contra Deus".
6. Essa inimizada é voluntária, e só pode ser vencida pela Palavra de Deus, que é eficaz através do ensino do Espírito Santo.
7. O evangelho serve a esse fim, e quando é sabiamente apresentado, podemos esperar confiadamente a cooperação eficaz do Santo Espírito. Isso está implícito na ordem de Jesus: "Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações; ...e eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século."
8. Se não tivermos sabedoria, se formos incoerentes e antofilosóficos e se não seguirmos uma ordem natural na apresentação do evangelho, não temos direito de esperar pela cooperação divina.
9. No mister de ganhar almas, como em tudo mais, Deus opera através de leis naturais e de acordo com elas. Portanto, se quisermos ganhar almas, havemos de adaptar sabiamente os meios a esse fim. As verdades que apresentarmos, e a ordem da sua apresentação hão de ser adaptadas às leis naturais da mente, do pensamento e do funcionamento mental. Uma falsa filosofia

mental poderá desviar-nos grandemente, levando-nos muitas vezes a trabalhar ignorantemente contra a operação do Espírito Santo.

10. Os pecadores devem ser convencidos da sua inimizade. Não conhecem a Deus, e por conseguinte ignoram muitas vezes a oposição do seu próprio coração contra ele. "Pela lei vem o pleno conhecimento do pecado", porque é pela lei que o pecador adquire sua primeira idéia verdadeira de Deus. Pela lei, ele primeiro aprende que Deus é perfeitamente bom e oposto a todo o egoísmo. Essa lei, pois, deve ser exposta em toda sua majestade contra o egoísmo e a inimizade do pecador.

11. Essa lei leva consigo a convicção irresistível da sua justiça, da qual nenhum agente moral pode duvidar.

12. Todos os homens sabem que cometeram pecado, porém nem todos estão convictos, nem da culpabilidade, nem das más conseqüências que o pecado merece. Na sua maioria são descuidados, não sentem o fardo do pecado nem os horrores e terrores do remorso: não têm senso de condenação nem de estarem perdidos.

13. Sem convicção, porém, não podem entender nem apreciar a salvação do evangelho. Ninguém pode inteligentemente e de coração, pedir ou aceitar perdão enquanto não percebe como é real e justa a sua condenação.

14. É absurdo, portanto, supor que um pecador indiferente, sem convicção de seu pecado, possa aceitar inteligente e reconhecidamente o perdão que o evangelho oferece, enquanto não aceitar a justiça de Deus em condená-lo. A conversão a Cristo é uma transformação inteligente. Por isso a convicção do merecimento da condenação tem que preceder a aceitação da misericórdia, pois sem a convicção o pecador não compreende sua necessidade de misericórdia. É natural que o oferecimento seja rechaçado. O evangelho não é nenhuma boa-nova para o pecador indiferente e sem convicção de pecado.

15. A espiritualidade da lei deve ser aplicada inexoravelmente à consciência até que se aniquile a presunção do pecador de ser justo, e ele se coloque, mudo e contrito, diante de um Deus santo.

16. Em alguns homens essa convicção já está madura, e o pregador pode logo apresentar a Cristo, na esperança de que seja aceito; em tempos normais, porém, tais casos são excepcionais. A grande massa dos pecadores é indiferente e não tem convicção do seu pecado. Se presumirmos que estão convictos e preparados para receber a Cristo, insistindo com os pecadores a que o aceitem imediatamente, estamos iniciando a obra pelo fim e tornando ininteligível o nosso

ensino. E semelhante processo acabará demonstrando-se errado, sejam quais forem as aparências e profissões do momento. O pecador poderá na verdade alcançar esperança através de tais ensinamentos: mas, a não ser que o Espírito Santo supra algo que o pregador deixou de fornecer, verificar-se-á falsa a esperança. É mister que sejam apresentados todos os elos essenciais da verdade.

17. Depois que a lei tiver feito sua obra, aniquilando a presunção do pecador quanto à sua justiça e deixando-o sem outro recurso senão a aceitação da misericórdia, deve-se levar o pecador a compreender a situação delicada e o perigo de se dispensar a execução da penalidade quando foi transgredido o preceito da lei.

18. Precisamente nesta altura deve-se levar o pecador a compreender que ele não deve concluir, com base na benevolência de Deus, que este pode com justiça perdô-lo. Ao contrário, a não ser que a justiça pública seja satisfeita, a lei de benevolência universal proíbe o perdão dos pecados. Se não for levada em consideração a justiça pública no exercício da misericórdia, o bem público será sacrificado em benefício do indivíduo. Isso, Deus jamais fará.

19. Esse ensino obrigará o pecador a procurar alguma forma de satisfazer a justiça pública.

20. Apresentamos-lhe agora a obra expiatória de Cristo como fato revelado, limitando suas esperanças a Cristo como seu próprio holocausto. Ponhamos em destaque a verdade revelada de que Deus aceitou a morte de Cristo em lugar da morte do pecador, e que isso deve ser recebido com base no testemunho do próprio Deus.

21. Esmagado até contrição pelo poder convincente da lei, a revelação do amor de Deus manifestado na morte de Cristo há de gerar no pecador o sentimento de desgosto de si próprio e aquela tristeza segundo Deus, que a ninguém traz pesar. Diante dessa revelação, o pecador jamais se perdoa. Deus é santo e grandioso; ele, um pecador, salvo pela graça soberana. Isso poderá ser apresentado com maior ou menor precisão de acordo com as pessoas visadas, seu grau de inteligência, de capacidade para pensar e de cuidado para entender.

22. Não foi por acidente que a dispensação da lei antecedeu à dispensação da graça; mas está na ordem natural das coisas, de acordo com leis mentais preestabelecidas, e sempre a lei há de preparar o caminho do evangelho. A negligência nesses pontos poderá levar a falsas esperanças, à introdução de um falso padrão de experiência cristã e a uma igreja cheia de falsos convertidos. Isso o tempo demonstrará.

23. O pregador deverá dirigir a verdade às pessoas presentes, aplicando-a de modo tão pessoal que cada uma sinta que a mensagem é para ela. É como se tem dito muitas vezes de certo pregador: "Ele não prega, ele explica o que outros pregam, e parece que fala diretamente a mim".

24. Esse método prenderá a atenção e levará os ouvintes a perderem de vista a extensão do sermão. Ficarão cansados de ouvir se não sentirem interesse pessoal no que dizemos. Conseguir o interesse pessoal do ouvinte no que se diz, é condição indispensável à sua conversão. Uma vez despertado o interesse pessoal, e mantida a atenção do ouvinte, dificilmente se queixará do tempo da pregação. Em quase todos os casos em que se reclama da demora do sermão, é porque não interessamos pessoalmente o ouvinte naquilo que dizemos.

25. Se deixamos de interessá-los pessoalmente, ou é porque não nos dirigimos pessoalmente ao ouvinte, ou porque nos falta unção e sinceridade, clareza e força, ou alguma outra coisa que devíamos possuir. O que é indispensável, é fazermos com que sintam que tanto nós quanto Deus visamos a eles.

26. Não devemos pensar que basta a piedade sincera para nos dar êxito em ganhar almas. Essa é apenas uma das condições do sucesso. Há de haver também bom senso, há de haver sabedoria espiritual para adaptar os meios ao fim. Assunto, maneira, ordem, tempo e lugar, todos precisam ser sabiamente ajustados ao fim que temos em vista.

27. Deus poderá, às vezes, converter almas por intermédio de homens que não são espirituais, quando possuem aquela sagacidade natural que os habilita a adaptar os meios a esse fim; mas a Bíblia nos apóia ao afirmarmos que esses são casos excepcionais. Sem essa sagacidade e adaptação dos meios ao fim, o homem espiritual deixará de ganhar almas para Cristo.

28. Os incrédulos necessitam de instrução de acordo com a medida da sua inteligência. Umas poucas verdades simples, quando sabiamente aplicadas e iluminadas pelo Espírito Santo, converterão crianças a Cristo. Eu disse sabiamente aplicadas, pois os meninos também são pecadores e necessitam da aplicação da lei, qual pedagogo, para conduzi-los até Cristo a fim de serem justificados pela fé. Verificar-se-á, mais cedo ou mais tarde, que algumas supostas conversões a Cristo são espúrias, pois houve omissão do trabalho preparatório da lei, e Cristo não foi abraçado como Salvador do pecado e da condenação.

29. Pecadores instruídos e cultos, que estão sem convicção e céticos de coração, precisam de muito mais extensa e completa aplicação da verdade. Os

profissionais necessitam que a rede do evangelho seja lançada toda em volta deles, sem haver nenhum buraco pelo qual possam escapar. Quando assim tratados, têm tanto maior probabilidade de se converterem, quanto maior for o grau da sua verdadeira inteligência. Tenho verificado que uma série de conferências dirigidas a advogados e adaptadas a seus modos de pensar e raciocinar, quase sempre pode convertê-los.

30. Para sermos bem sucedidos em ganhar almas, precisamos ser observadores, estudar o caráter das pessoas, aplicar os fatos da experiência, da observação e da revelação às consciências de todas as classes.

31. É muito importante que sejam explicados os termos empregados. Antes da minha conversão, não ouvia inteligivelmente explicados os termos: arrependimento, fé, novo nascimento, conversão. Arrependimento era descrito como sendo um sentimento. Fé era apresentada como ato ou estado intelectual e não como ato voluntário de confiança. Regeneração era uma mudança física da natureza, produzida pelo poder direto do Espírito Santo, ao invés de uma mudança voluntária do propósito fundamental da alma, produzida pela iluminação espiritual do Espírito Santo. Até mesmo a conversão era representada como obra do Espírito Santo de tal modo a ocultar a verdade de que é ato do próprio pecador, sob a influência do Espírito Santo.

32. Devemos insistir em que o arrependimento importa na renúncia voluntária e efetiva de todo o pecado: que é mudança radical de atitude para com Deus.

33. A fé que salva é a confiança do coração em Cristo: ela opera pelo amor, purifica o coração e vence o mundo: não é fé salvadora aquela que não tiver esses atributos.

34. O pecador terá que exercer determinados atos mentais e precisa compreender quais são. O erro da filosofia mental apenas embaraça, e poderá ser um engano fatal para a alma. Muitas vezes os pecadores são encaminhados em pista errada. Insiste-se com eles para que sintam, ao invés de exercerem os atos requeridos da vontade. Antes da minha conversão, jamais recebi de alguém uma idéia inteligível dos atos mentais que Deus exigia de mim.

35. A capacidade do pecado em enganar as almas, torna-as excessivamente sujeitas à ilusão: por isso compete, a quem ensina, o dever de rebuscar as moitas e de procurar em todos os cantos e fendas onde haja possibilidade de uma alma ter achado falso refúgio. Sejamos tão perseverantes e

discriminadores que se torne impossível que o interessado venha a nutrir uma esperança falsa.

36. Não tenhamos receio de insistir. Não apliquemos, por falsa piedade, o esparadrapo onde houver necessidade da sonda. Não temamos desanimar o pecador convicto, fazendo-o voltar atrás, pelo fato de sondá-lo até ao fundo. Se o Espírito Santo estiver trabalhando nele, quanto mais esquadriharmos e pesquisarmos, mais impossível se tornará para a alma voltar ou descansar no pecado.

37. Se quisermos salvar a alma, não poupemos a mão direita, o olho direito, ou qualquer ídolo querido: cuidemos do abandono de toda forma de pecado. Insistamos na plena confissão do mal a todos que tiverem direito à confissão. Insistamos na plena restituição, até onde for possível, a todas as partes prejudicadas. Não fiquemos aquém dos ensinamentos expressos de Cristo nessa matéria. Seja quem for o pecador, façamo-lo compreender claramente que, se não abandonar tudo que tem, não pode ser discípulo de Cristo. É necessária inteira e universal consagração a Deus de todos os poderes do corpo e da mente, de toda a propriedade, possessões, caráter e influência. Deve haver total abandono a Deus de todo o direito a si próprio ou a qualquer outra coisa, como condição de sua aceitação.

38. Compreendamos, e se possível façamos o pecador compreender, que tudo isso faz parte da verdadeira fé, do verdadeiro arrependimento. e que a real consagração abrange todos esses fatores.

39. Devemos lembrar constantemente ao pecador que é com um Cristo pessoal que ele está tratando: que Deus em Cristo está buscando a sua reconciliação com ele, e que a condição dessa reconciliação é que o pecador submeta sua vontade e todo o seu ser a Deus -- que não "deixe para trás nem um casco".

40. É importante assegurar-lhe que "Deus nos deu a vida eterna, e essa vida está no seu Filho"; que "Cristo nos foi feito sabedoria, justiça, santificação e redenção: e que, do princípio ao fim, ele achará toda a sua salvação em Cristo.

41. Depois que o pecador recebe inteligentemente toda essa doutrina e o Cristo nela revelado. ele deve perseverar até o fim, e esta é a última condição da sua salvação. Eis aqui uma importante tarefa: impedir que o pecador venha a recair e assegurar sua permanente santificação e confirmação para a glória eterna.

42. Será o caso que o declínio espiritual dos conversos tão comum não indica um grave defeito nas mensagens do púlpito? Por que será que tantos

conversos esperançosos, em poucos meses de aparente conversão, perdem o primeiro amor, perdem todo o fervor na religião, negligenciam o dever e continuam cristãos de nome, porém mundanos no espírito e na vida?

43. Um pregador realmente bem sucedido deve não apenas ganhar almas para Cristo, mas também conservá-las. Deve conseguir não somente sua conversão, mas também sua permanente santificação.

44. Na Bíblia não há nada mais expressamente prometido nesta vida do que a santificação permanente. 1 Ts 5.23.24: "O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo: e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará." Essa é indubitavelmente a oração dos apóstolos pela santificação permanente nesta vida, com a promessa explícita de que aquele que nos chamou o fará.

45. Aprendemos pelas Escrituras que, "tendo nele crido" somos, ou podemos ser, selados com o Santo Espírito da promessa, e que esse selo é "o penhor da nossa herança". Ef 1.13.14: "Em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da nossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa, o qual é o penhor da nossa herança até o resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória." Esse selo, esse penhor da nossa herança, é que assegura a nossa salvação. Assim, em Ef 4.30, o apóstolo diz: "Não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção." E em 2 Co 1.21.22 o apóstolo diz: "Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo, e nos ungiu, é Deus, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações." Assim somos confirmados em Cristo e ungidos pelo Espírito, como também selados pelo penhor do Espírito em nossos corações. E isso, é bom lembrar, é uma bênção que recebemos depois de crer, conforme Paulo nos informou em sua epístola aos efésios, acima citada. Ora, é da máxima importância que os conversos aprendam a não ficar aquém dessa santificação permanente, desse selo, dessa confirmação em Cristo pela unção especial do Espírito Santo.

46. Ora, irmãos, se não conhecermos o que significa isso em nossa própria experiência, e não conduzirmos os conversos à mesma experiência, falhamos lamentável e essencialmente em nosso ensino e omitimos a verdadeira nata e plenitude do evangelho.

47. É importante compreender que, enquanto essa experiência foi rara entre os pastores, ela será desacreditada pelas igrejas e será quase impossível, a um

pregador isolado dessa doutrina, vencer a incredulidade da sua igreja. Terão dúvidas a respeito, porque tão poucos pregam ou acreditam nessa doutrina; explicarão a insistência do pastor dizendo que a sua experiência se deve a seu temperamento peculiar; assim, deixarão de receber essa unção por causa da incredulidade. Em tais circunstâncias será muito mais necessário insistir na importância e no privilégio da santificação permanente.

48. O pecado consiste no pendor da carne, em "fazer a vontade da carne e dos pensamentos". A santificação permanente consiste na consagração integral e permanente a Deus. Importa na recusa de se obedecer à vontade da carne ou dos pensamentos. O batismo ou selo do Espírito Santo subjuga o poder dos desejos, fortalece e confirma a vontade na resistência ao impulso do desejo e no propósito permanente de fazer de todo o ser uma oferta a Deus.

49. Se nos mantivermos em silêncio sobre esse assunto, a inferência natural é que não cremos nele e, evidentemente, que o desconhecemos na experiência. Isso fatalmente será uma pedra de tropeço para a igreja.

50. Uma vez que esta é uma doutrina de inegável importância e claramente ensinada no evangelho, sendo, com efeito, a "banha e gordura" do evangelho, deixar de ensiná-la é despojá-lo da sua mais rica herança.

51. O testemunho da igreja, e, em grande parte, do ministério, sobre esse assunto, tem sido lamentavelmente falho. Essa herança tem sido retirada da igreja; assim sendo, é de se estranhar que ela se desvie tão vergonhosamente? O testemunho de relativamente poucos, aqui e ali, que insistem nessa doutrina, é quase neutralizado pelo contra-testemunho ou silêncio culposos da grande massa das testemunhas de Cristo.

52. Meus queridos irmãos, são de tal modo amadurecidas as minhas convicções e profundos os meus sentimentos sobre esse assunto que não devo ocultar-lhes os meus receios, de que, em muitos casos, é a falta da experiência pessoal a razão desse grave defeito na pregação do evangelho. Não digo isso para magoar; longe de mim tal desejo. Não é de admirar que muitos não tenham essa experiência. Muitas vezes a educação religiosa é deficiente. Os crentes são levados a desposar outro ponto de vista sobre o assunto. Causas várias têm contribuído para criar uma predisposição contrária a essa doutrina bendita do evangelho. Intelectualmente os crentes não têm crido nela; e, naturalmente, não têm recebido a Cristo em sua plenitude. Talvez essa doutrina tenha sido uma pedra de tropeço e rocha de escândalo; porém, não permitamos que o preconceito vença; lancemo-nos sobre Cristo mediante a aceitação presente, atual, dele como

nossa sabedoria, justiça, santificação e redenção. Vejamos se ele não fará infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos.

53. Ninguém, seja crente ou incrédulo, deve ser deixado em paz enquanto tolerar em si qualquer pecado. Se pudermos impedir, não devemos permitir que ninguém nutra esperanças do céu, enquanto estiver consentindo no pecado, seja ele qual for. Nossa constante exigência e persuasão devem ser: "Sede santos, porque Deus é santo." "Sede perfeitos, como é perfeito vosso Pai que está no céu." Lembremo-nos da maneira pela qual Cristo concluiu seu memorável Sermão da Montanha. Depois de ter exposto diante de seus ouvintes aquelas verdades terrivelmente perscrutadoras, e de ter exigido que fossem perfeitos como é perfeito o Pai no céu, termina assegurando-lhes que ninguém pode ser salvo sem receber e obedecer aos seus ensinamentos. Ao invés de tentarmos agradar o povo nos seus pecados, devemos continuamente procurar induzi-los a abandonar esses pecados. Irmãos, façamo-lo para que não sejam as nossas vestes contaminadas pelo seu sangue. Se seguirmos esse caminho e pregarmos constantemente com unção e poder, permanecendo na plenitude da doutrina de Cristo, poderemos esperar, com alegria, salvar tanto a nós mesmos como aos nossos ouvintes.

Capítulo 8 - Como Vencer o Pecado

Em todos os períodos do meu ministério tenho encontrado muitos cristãos professos em lamentável estado de escravidão ao mundo, à carne ou ao diabo, pois o apóstolo diz claramente: "O pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e, sim, da graça." Em toda a minha vida cristã tenho ficado penalizado ao encontrar tantos crentes vivendo na escravidão legalista descrita no capítulo sete de Romanos: uma vida de pecar, de resolver reformar-se e de cair novamente. E o que é particularmente entristecedor, e mesmo motivo de angústia, é que muitos pastores e cristãos proeminentes dão instrução inteiramente errônea sobre o assunto de como vencer o pecado. A orientação que, lamentavelmente, costuma ser dada sobre esse assunto, resume-se nisto: "Trata dos teus pecados um por um, resolve abster-te deles, luta contra eles, com oração e jejum se for preciso, até vencê-los. Dispõe firmemente a tua vontade contra uma recaída no pecado, ora e luta, resolve não fraquejar e persiste nisso até que formes o hábito da obediência e quebres todos os teus hábitos pecaminosos". É verdade que geralmente acrescentam: "Nessa luta, não deverás depender das tuas próprias forças, mas pedir o auxílio de Deus".

Em uma palavra, grande parte do ensino, tanto do púlpito como da literatura evangélica, acaba dando nisto: a santificação é pelas obras, não pela fé. Noto que o Dr. Chalmers, nas suas preleções sobre Romanos, sustenta expressamente que a justificação é pela fé, mas a santificação é pelas obras. Há uns vinte e cinco anos, parece-me que um eminente professor de teologia da Nova Inglaterra sustentou praticamente a mesma doutrina. No início da minha vida cristã eu quase ia sendo enganado por uma das decisões do Presidente Edwards, que consistia mais ou menos nisto: quando ele caía em algum pecado, reconstruía a sua evolução até descobrir a origem, então lutava e orava com todas as forças contra esse pecado até subjugar-lo. Isso, como se vê, é dirigir a atenção ao ato patente do pecado, sua fonte ou ocasiões. Tomar a decisão e lutar contra o ato, faz-nos concentrar a atenção no pecado e sua fonte, desviando-a inteiramente de Cristo .

É essencial esclarecermos o quanto antes que todos os esforços dessa natureza são inúteis e não raro resultam em desilusão. Em primeiro lugar, é perder de vista o que realmente constitui o pecado, e, em segundo, abandonar a única maneira viável de evitá-lo. Desse modo poderá ser dominado e evitado o ato ou hábito exterior, enquanto que aquilo que realmente constitui o pecado permanece intato. O pecado não é externo e sim interno. Não é movimento muscular, nem mesmo a volição causadora da ação muscular: não é um sentimento ou desejo involuntário. É um ato ou estado voluntário da mente.

O pecado é nada menos do que aquela escolha voluntária e fundamental, aquele estado de submissão ao agrado próprio, donde procedem as volições, as ações externas, os propósitos, as intenções, enfim todas as causas que são comumente chamadas de pecado. E contra que estamos agindo, quando tomamos resoluções e fazemos esforços para suprimir hábitos pecaminosos e formar outros, santos? "O amor é o cumprimento da lei." Mas podemos induzir o amor por meio de decisões? As decisões eliminam o egoísmo? Claro que não. Podemos suprimir esta ou aquela manifestação ou expressão do egoísmo, resolvendo não fazer isto ou aquilo, orando e lutando contra o mal. Podemos resolver prestar obediência aos mandamentos de Deus. Mas arrancar do peito o egoísmo por meio de resoluções é um contra-senso. Assim também é contra-senso o esforço para conseguir, por meio de decisões, obedecer em espírito os mandamentos de Deus, amar conforme a lei de Deus.

Há muitos que sustentam que o pecado consiste nos desejos. Que seja! Dominamos por força de resoluções os nossos desejos? Poderemos, pela resolução, deixar de satisfazer determinado desejo. Poderemos fazer ainda mais, abstendo-nos de satisfazer o desejo em sua manifestação exterior. Isso, porém,

não é assegurar o amor de Deus, que é o que constitui a obediência. Se nos tornássemos anacoretas, emparedando-nos em uma cela e crucificando todos os nossos desejos e apetites no que se refere à sua satisfação, apenas teríamos evitado certas formas de pecado, porém a raiz que realmente constitui o pecado não seria tocada. Nossa resolução não assegura o amor, a única verdadeira obediência a Deus. Todo o nosso batalhar contra a manifestação exterior do pecado à força das resoluções, apenas acabam tornando-nos em sepulcros caiados. É inútil lutar contra o desejo, a poder de resoluções; pois tudo isso, por mais bem sucedido que seja o esforço para reprimir o pecado, quer na vida exterior quer no desejo interior, acabará em desilusão, pois a poder de resolução não podemos amar.

Todos os esforços dessa natureza para vencer o pecado são inúteis, e ainda em desacordo com a Bíblia. Esta ensina expressamente que o pecado é vencido pela fé em Cristo. Ele é "o caminho, a verdade e a vida". Diz-se a respeito dos crentes que seus corações são "purificados pela fé" (At 15.9). E em Atos 26.18 afirma-se que são santificados pela fé em Cristo. Em Romanos 9.31-32 lemos que os judeus não atingiram a justiça porque não a buscaram pela fé e, sim, pelas obras.

A doutrina da Bíblia é que, pela fé, Cristo salva o seu povo do pecado; que o Espírito de Cristo é recebido pela fé para habitar no coração. É a fé que opera pelo amor. O amor é operado e sustentado pela fé. Pela fé os crentes "vencem o mundo, a carne e o diabo". É pela fé que se "apagam todos os dardos inflamados do maligno". É pela fé que os crentes se "revestem do Senhor Jesus Cristo" e "se despem do velho homem com os seus feitos". É pela fé que combatemos "o bom combate", e não pelas resoluções. É pela fé que "ficamos em pé" e pelas resoluções é que caímos. Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé. É pela fé que a carne é subjugada e conquistados os desejos carnis.

Na realidade é simplesmente pela fé que recebemos o Espírito de Cristo para operar em nós o querer e o efetuar segundo seu beneplácito. Ele derrama em nosso coração o seu próprio amor, acendendo assim o nosso. Toda vitória sobre o pecado vem pela fé em Cristo; e quando o pensamento se desvia de Cristo para as resoluções e as lutas contra o pecado, quer tenhamos consciência disso ou não, estamos agindo com nossas próprias forças, rejeitando o socorro de Cristo: estamos sob uma perigosa ilusão. Nada, senão a vida e energia do Espírito de Cristo dentro de nós, pode salvar-nos do pecado: e a confiança é a condição uniforme e universal da operação dessa energia salvadora dentro de nós.

Até quando esse fato continuará sendo ignorado, pelo menos na prática, pelos ensinadores da religião? Até que profundidade vai a raiz da presunção da justiça própria e da autodependência no coração do homem? É tão profunda que esta é uma das lições que o coração do homem mais custa a aprender: renunciar à independência e confiar inteiramente em Cristo. Quando abrirmos a porta para a confiança absoluta, ele entrará e fará conosco e em nós a sua morada. Inundamo-nos do seu amor. Ele faz toda a nossa alma reviver para senti-lo e, assim e somente assim, purifica o nosso coração pela fé. Ele sustenta nossa vontade na atitude de devoção. Ele aviva e regula nossos afetos, desejos, apetites e paixões, tornando-se a nossa santificação. Muito do que ouvimos em reuniões de oração e de conferência, do púlpito e da literatura, dá orientação tão errônea, que ouvir ou ler tais orientações se torna doloroso ao ponto de ser quase insuportável. Isso só pode gerar ilusão, desânimo e a rejeição prática de Cristo conforme é apresentado no evangelho.

Ai da cegueira que "conduz à confusão" a alma que anseia a libertação do poder do pecado! Tenho escutado, às vezes, doutrinas legalistas sobre este assunto até sentir vontade de gritar. É simplesmente incrível ouvirmos de homens cristãos que fazem objeção ao ensino que tenho apresentado aqui, alegando que nos deixa em estado passivo, para sermos salvos sem atividade nossa. Que ignorância essa objeção revela! A Bíblia ensina que, pela confiança em Cristo, recebemos uma influência interior que estimula e dirige a nossa atividade; que pela fé recebemos sua influência purificadora no recôndito do nosso ser; que através da sua verdade revelada diretamente à alma, ele vivifica todo o nosso ser interior para ter a atitude de amor e obediência; e é esse o caminho, não havendo outro caminho prático, para vencermos o pecado.

Mas alguém poderá perguntar: "Não nos exorta o apóstolo assim: "Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade"? Então isso não é uma exortação para fazermos aquilo que nesse artigo estais condenando"? De maneira alguma. No verso 12 de Filipenses 2. Paulo diz: "Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade". Não há aqui nenhuma exortação a trabalhar por força de resolução, mas sim por meio da operação interior de Deus. Paulo os tinha ensinado, quando estava presente com eles: agora, na sua ausência, exorta-os a desenvolverem a salvação, não pela resolução, mas pela operação de Deus.

É precisamente essa a doutrina do presente folheto. Paulo ensinara muitas vezes à Igreja, que Cristo no coração é a nossa santificação, e que essa influência se recebe pela fé. Portanto, não iria agora ensinar que a nossa santificação deve ser desenvolvida mediante resoluções e esforços para reprimir hábitos pecaminosos e formar hábitos santos. De modo muito feliz esse passo da Escritura reconhece as duas agências, divina e humana, na obra da santificação. Deus opera em nós o querer e o realizar: nós aceitamos pela fé a sua operação queremos e efetuamos de acordo com a sua boa vontade.

A própria fé é um estado ativo e não passivo. A idéia de uma santidade passiva é um contra-senso. Que ninguém alegue que, ao exortarmos as pessoas a confiarem inteiramente em Cristo, estamos ensinando que alguém deva ou possa ser passivo ao receber em seu íntimo a influência divina e com ela cooperar. Essa influência é moral e não física. É persuasão e não força. Influencia a livre vontade e, por conseguinte, o faz pela verdade e não pela força. Oxalá, fosse compreendido que toda a vida espiritual, que houver em qualquer pessoa, é recebida de Cristo pela fé, como o ramo recebe da videira a sua vida. Abaixo com o evangelho das resoluções! É uma cilada de morte. Abaixo com o esforço para tornar a vida santa, quando o coração não tem em si o amor de Deus! Oxalá os homens aprendessem a olhar diretamente para Cristo pelo evangelho, e de tal modo a chegarem-se a ele mediante um ato de confiante amor, que ficassem envolvidos na simpatia universal do seu modo de pensar! Isso, e somente isso, é santificação.

Capítulo 9 - Pregador, Salva a Ti Mesmo

"Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres, porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes." I Tm 4.16

Não vou pregar a pregadores, mas apenas sugerir algumas condições sob as quais poderão apossar-se da salvação prometida nesse texto.

1. Cuida em ser constrangido pelo amor a pregar o evangelho, como o foi Cristo a providenciar um evangelho.
2. Cuida em ter o revestimento especial de poder do alto, pelo batismo do Espírito Santo.

3. Cuida em ler a vocação, não apenas da cabeça, mas do coração, para empreenderes a pregação do evangelho. Com isso quero dizer: sê cordial e intensamente inclinado a buscar a salvação de almas como a grande missão da tua vida; e não empreendas aquilo a que teu coração não te impelir.

4. Mantém constantemente a comunhão íntima com Deus.

5. Faze da Bíblia o teu Livro dos livros. Estuda-a muito, de joelhos, esperando iluminação divina.

6. Acautela-te de depender dos comentários. Consulta-os quando convier: porém julga por ti mesmo, à luz do Espírito Santo.

7. Guarda-te puro -- em propósito, em pensamento, em sentimento, em palavras e em ações.

8. Contempla a culpa dos pecadores e o perigo que correm, para que se intensifique teu zelo pela sua salvação.

9. Também pondera profundamente e demora-te diante do infinito amor e compaixão de Cristo por eles.

10. Ama-os de tal modo a estares pronto a morrer por eles.

11. Dedica os esforços da tua mente ao estudo de meios e modos de salvá-los. Faze disso o grande e intensivo estudo da tua vida.

12. Recusa-te a ser desviado dessa obra. Guarda-te contra toda tentação que arrefeça teu interesse nela.

13. Crê na afirmação de Cristo, de que ele está contigo nessa obra sempre e em todo lugar, para dar-te todo o auxílio necessário.

14. "O que ganha almas é sábio": e "se algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropria: e ser-lhe-á concedida. Peça-a, porém, com fé". Lembra-te, portanto, que tens a obrigação de possuir a sabedoria que ganhará almas para Cristo.

15. Sendo chamado por Deus para a obra, faze dessa tua vocação o argumento constante junto a Deus, para dele obteres tudo que precisares para a execução da obra.

16. Sê diligente e laborioso, "a tempo e fora de tempo".

17. Conversa muito com todas as classes dos teus ouvintes sobre a questão da salvação, a fim de compreenderes suas opiniões, erros e necessidades. Verifica seus preconceitos, sua ignorância, seu humor, seus hábitos

e tudo mais que precisares saber a fim de adaptares tua instrução às suas necessidades.

18. Cuida em que teus próprios hábitos sejam corretos em todo sentido; que sejas temperado em todas as cousas: livre da mancha ou odor do fumo, do álcool, das drogas, de tudo que terias motivo para envergonhar-te e que sirva de tropeço a outros.

19. Não sejas "de mente leviana," antes "põe o Senhor continuamente diante de ti".

20. Controla bem tua lingua e não te dês a conversas frívolas e sem proveito.

21. Deixa sempre que o povo observe que o tratas com a mais absoluta seriedade tanto no púlpito como fora dele: e não permitas que o convívio diário com as pessoas neutralize tua mensagem no domingo.

22. Resolve "nada saber" entre teu povo "senão a Jesus e este crucificado": e deixa claro que, na qualidade de embaixador de Cristo, teus negócios com eles dizem respeito inteiramente à salvação da alma.

23. Tem cuidado de ensiná-los não só por preceito mas também pelo exemplo. Pratica tu mesmo o que pregas.

24. Tem cuidado especial no relacionamento com o sexo feminino, a fim de jamais levatares pensamento ou desconfiança da menor impureza em ti mesmo.

25. Vigia os teus pontos fracos. Se fores por natureza dado a jovialidade e brincadeiras, vigia ocasiões de falha nesse setor.

26. Se fores por natureza carrancudo e insociável, vigia contra o mau humor e a insociabilidade.

27. Evita toda a afetação e fingimento. Sê aquilo que professas ser, e não serás tentado a "fazer de conta".

28. Que a simplicidade, a sinceridade e a correção cristã, assinalem toda a tua vida.

29. Passa muito tempo, diariamente pela manhã e à noite, em oração e comunhão direta com Deus. Isso te trará poder para a salvação. Não há erudição nem estudo que compense a perda dessa comunhão. Se deixares de manter comunhão com Deus, "te enfraquecerás e serás como qualquer outro homem".

30. Acautela-te do erro que afirma não haver participação do homem na regeneração nem, por conseguinte, ligação entre esta participação e o resultado final, ou seja, a regeneração da alma.

31. Compreende que a regeneração é uma transformação também moral e, portanto, voluntária.

32. Compreende que o evangelho se destina a transformar o coração dos homens, e, apresentando-o sabiamente, podes contar com a cooperação eficiente do Espírito Santo.

33. Na escolha e no tratamento dos textos para teus sermões, procura sempre a orientação direta do Espírito Santo.

34. Que todos os teus sermões sejam do coração e não apenas da cabeça.

35. Prega à base da experiência, e não por ouvires dizer, nem apenas pela leitura e estudo.

36. Apresenta sempre o assunto que o Espírito Santo põe no teu coração para a ocasião. Lança mão dos pontos que o Espírito apresentar à tua mente, e apresenta-os tão diretamente quanto possível à congregação.

37. Entrega-te à oração sempre que fores pregar, e vai do aposento para o púlpito com os gemidos íntimos do Espírito procurando expressão nos teus lábios.

38. A tua mente deve estar plenamente imbuída do assunto, de maneira que este esteja procurando expressão: abre a boca e deixa as palavras saírem como torrente.

39. Vê que não esteja sobre ti o "temor do homem que arma um laço". Deixa o povo compreender que temes muito a Deus para temê-los.

40. Não deixes nunca que a tua popularidade com o povo tenha influência sobre a tua pregação.

41. Não deixes nunca que a questão de salário te detenha de "declarar todo o conselho de Deus", "quer ouçam quer deixem de ouvir".

42. Não contemporizes, para não acontecer perderes a confiança do povo e assim falhares em salvá-los. Eles não poderão respeitar-te integralmente como embaixador de Cristo, se perceberem que te falta coragem para cumprires o teu dever.

43. Cuida em te "recomendar à consciência de todo homem, na presença de Deus".

44. Não sejas "cobiçoso de torpe ganância".
45. Evita toda aparência de vaidade.
46. Inspira o respeito do povo pela tua sinceridade e sabedoria espiritual.
47. Não deixes nem de longe que imaginem que possas ser influenciado na pregação por questões de salário maior, menor ou nenhum.
48. Não dês a impressão de que aprecias uma boa mesa e gostas de ser convidado para jantar; pois isso será um laço para ti e uma pedra de tropeço para eles.
49. Subjuga o teu corpo, para que, tendo pregado o outros, não venhas tu mesmo a ser desqualificado.
50. Vela pelas almas, como quem deve prestar contas a Deus.
51. Sê diligente no estudo, e instrui cabalmente o povo em tudo que é essencial à salvação.
52. Jamais bajules os ricos.
53. Sê particularmente atencioso às necessidades e à instrução dos pobres.
54. Não te deixes levar à transigência com o pecado pelo suborno de festas beneficentes.
55. Não te deixes tratar publicamente como mendigo, pois do contrário virás a merecer o desprezo de larga classe dos teus ouvintes.
56. Repele toda tentativa de fechares a boca a tudo quanto for extravagante, errado ou prejudicial entre o teu povo.
57. Mantém a tua integridade e independência pastorais, para não cauterizar a consciência, apagar o Espírito Santo e perder a confiança do povo e o favor de Deus.
58. Sê o exemplo do rebanho: permite que a tua vida ilustre o teu ensino. Lembra-te de que as tuas ações e espírito ensinarão com ainda maior ênfase do que os teus sermões.
59. Se pregas que os homens devem servir a Deus e ao próximo por amor, cuida em fazer o mesmo e evita tudo que possa dar a impressão de que trabalhas por salário.

60. Serve ao povo com amor e anima-os a retribuir, não com o equivalente em dinheiro, mas com a retribuição do amor, que proporcionará refrigério tanto a ti como a eles.

61. Repele toda proposta para angariar fundos para ti ou para o trabalho da igreja junto a homens mundanos, embora sejam solícitos.

62. Repele as festas e reuniões sociais dispersivas, principalmente nas épocas mais favoráveis a esforços unidos para a conversão de almas a Cristo. Podes estar certo de que o diabo procurará desviar-te nessa direção. Quando estiveres orando e planejando um avivamento da obra de Deus, alguns mundanos da igreja te convidarão a uma festa. Não vás, pois se fores, terás uma série de festas, que virão anular as tuas orações.

63. Não te deixes enganar: o teu poder espiritual perante o povo nunca crescerá pela aceitação de tais convites em tais épocas. Se a ocasião é boa para festas, porque o povo está folgado, também é boa para reuniões religiosas, e tua influência deve ser aplicada para atrair o povo à casa de Deus.

64. Cuida em conhecer pessoalmente e viver diariamente a pessoa de Cristo.